

O ENSINO DE ARTE, TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E A PROPOSTA REFLEXIVA SOBRE AS TRIBOS URBANAS

Cinthia Caciéle Fregne Matusaiki¹, Eli Andrade Rocha Prates², Helena Viana Brandão³

Abstract: With the objective of discussing, within the school environment, questions about Art, technologies and educational tools, as well as their relations with Urban Tribes, the production and execution of a learning workshop with this theme made it possible to carry out research and expand concepts to respect for the social and cultural diversity existing in our society. We are inserted in environments where there are recurrent cases of intolerance, disrespect and lack of empathy, aggravated by the misuse of technologies by our young people and adolescents. In this sense, we see education as a tool capable of strengthening ties and awakening knowledge in order to provide a fair and egalitarian society through digital technologies and tools.

Keywords: Art, Education, Technology, Urban Tribes.

Resumo: Com o objetivo de discutir, dentro do ambiente escolar, questões sobre Arte, tecnologias e ferramentas educacionais, bem como suas relações com Tribos Urbanas, a produção e execução de uma oficina de aprendizagem com essa temática possibilitou a concretização de pesquisas e ampliação de conceitos a respeito da diversidade social e cultural existente em nossa sociedade. Estamos inseridos em ambientes em que há recorrentes casos de intolerância, desrespeito e falta de empatia, agravados pelo mau uso das tecnologias pelos nossos jovens e adolescentes. Nesse sentido, enxergamos a educação como uma ferramenta capaz de estreitar laços e despertar conhecimentos a fim de proporcionar uma sociedade justa e igualitária por meio de tecnologias e ferramentas digitais.

Palavras-chave: Arte, Educação, Tecnologia, Tribos Urbanas,



Um dos grandes desafios como educadores é explorar e administrar questões sobre diversidade no ambiente escolar. Posicionamentos religiosos, políticos, novos arranjos familiares, afetivos e culturais são reconhecidos ao longo de todo percurso educacional, além das tribos urbanas que constituem uma sociedade diversificada e multicultural. É difícil decidir como abordar concepções de vida, pois as experiências externas ao ambiente escolar são gigantescas.

Victor Hugo escreveu a obra “Os Miseráveis”, que é um clássico da literatura francesa tem como enredo a história de um homem que é condenado à prisão por ter roubado um pão para saciar sua fome. No entanto, a história vai muito além. Ela considera a marginalização de

¹ Docente, UniAlfa, Umuarama, Brasil. cinthiacacifregne@hotmail.com

² Docente, UNASP, São Paulo, Brasil. E-mail: eli.prates@unasp.edu.br

³ Docente, UNASP, Engenheiro Coelho, Brasil. E-mail: hbviana2@gmail.com

tribos urbanas frente ao capitalismo ou grupos excluídos pela sociedade. Assim, o modo como observamos e construímos nossas concepções sociais são definidas por preceitos impostos pela sociedade e pelas tecnologias impostas, especialmente diante desse momento pós pandemia em que o acesso às redes sociais se tornou uma fonte de diversão, informação e disseminação de ideias.

Outro aspecto originado desse contexto é a questão sobre a cultura como forma de ver o mundo e o olhar do outro. Freitas (2012, apud Oliveira 2017) aponta que:

Cultura diz respeito à inigualável criatividade humana, à toda forma de pensar, de amar, de se relacionar socialmente, de louvar a Deus ou aos deuses. É ela que nos torna humanos e é através dela que nos vemos como seres dotados de capacidade infinita de, a cada dia, inventar um jeito novo de estar no mundo.

A noção de cultura é utilizada no ambiente escolar como forma de transmitir um conhecimento sobre determinado povo, ou seja, é um elemento da história cultural que tem por base a construção de simbologias embasadas em matrizes antropológicas e linguísticas. Por esse motivo, o espaço escolar deve estar em consonância com a diversidade cultural, abrangendo todas as possibilidades de conhecimento e aprimoramento de informações. Laplantine (2000, apud Rocha 2011) firma que quando ficamos presos a uma única cultura:

Somos não apenas cegos à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa. A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. Aos poucos notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de “natural”. Começamos então a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura, passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não única.

Com base nas afirmações anteriores, é preciso exercitar a alteridade, respeito, empatia e explorar conhecimentos e culturas diferentes pois, enquanto educadores, busca-se uma educação pautada no respeito e na equidade. Os meios de comunicação de massa têm influenciado comportamentos, polêmicas e discutido questões culturais, reforçando preconceitos.

Como analisa Freitas (2012, apud Oliveira 2017), não há como ignorar as diversas formas de relacionamento pois, mesmo que ambientes mais conservadores não aceitem a diversidade, esta é uma realidade que se concretiza. Estão presentes nas escolas, sociedade e meios digitais a diversidade, a afetividade e formas distintas de viver que fogem dos padrões impostos pela sociedade.

Segundo Kenski (2012, p.22), “o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica”. Nesse sentido, a tecnologia possibilita o desenvolvimento de técnicas educacionais, facilitando o trabalho, proporcionando uma comunicação e interação em tempo real, além de estar proporcionando experiências de aprendizagens através de práticas. Como exemplo, visitação em museus por meio de tours virtuais, filmes, vídeos, documentários ou reuniões virtuais através de plataformas como o Zoom® e o Meet®.

Diante deste novo cenário de aprendizagem (híbrido, remoto e assíncrono), a tecnologia facilita a comunicação. A interação possibilitada, a partir do uso de ferramentas e *softwares* educacionais, pode ser ampliada, o que proporciona uma troca de experiências em espaços distintos. Assim, conseqüentemente, extrapola as paredes da sala de aula.

Dessa forma, as possibilidades para a aplicação da Arte em sala de aula são incontáveis. Independentemente do conceito a ser abordado, quando se fala em arte, pode-se refletir sobre o passado, o presente e o futuro, contextos históricos, sentimentos, emoções e sensações (Teixeira & Alves, 2021). Nesta perspectiva Parsons (1992, p. 29) nos diz que:

[...] a arte não se limita a ser um conjunto de objetos bonitos, constituindo antes uma das formas de que dispomos para articular nossa vida interior. [...] que a arte exprime mais do que aquilo que um indivíduo tem em mente num determinado momento.

A passos lentos, o ensino de arte vem ganhando novos significados no universo escolar, em que se encontra experiências relevantes, trabalhos estruturados e transformações de vidas. É a diversidade e o entendimento que abrangem a linguagem artística e constroem saberes que vão além das salas de aula. Tornar o indivíduo um sujeito ativo e em sintonia com sua realidade sociocultural faz parte de uma proposta inovadora.

Ana Mae Barbosa (1975, p. 86-87) ressalta que:

Nas artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino de desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes de 1971 e 1973.

Seu estudo, que embasa os procedimentos aplicados na prática de ensino, fundamenta-se em um ensino de arte dividido em produção artística, História da Arte, estética/crítica. Esta metodologia triangular proposta pela autora visa ensinar arte construindo um olhar diferenciado, valorizando os conceitos, a dimensão história e sua aplicação no contexto social. Como possibilidades para desenvolver esse trabalho primeiramente temos a leitura de imagem, na sequência a história da arte e por fim, o fazer artístico.

O grande desafio da educação agora está pautado na utilização de novas tecnologias educacionais, uma personalização do ensino, mediação tecnológica, uma sala de aula inovadora e que respeite a diversidade e pluralidade de ideias, evidenciada pela exposição das características culturais e dimensionais das tribos urbanas.

A PROPOSTA DE TRABALHO COM “TRIBOS URBANAS”

As formas de comportamento e de agrupamentos e a conseqüente busca de identidade e identificação entre jovens têm sido tema de reflexão, principalmente no que diz respeito à socialização e sociabilidade do jovem. No vai e vem do dia a dia, onde o acaso põe os jovens em contato uns com os outros, o espaço escolar merece destaque, pois a escola, enquanto grupo social presente no cotidiano do jovem é um ambiente dinâmico e complexo, em que diversos grupos de estudantes se formam a partir de fatores como idade, sexo, status, interesses etc. (CÂNDIDO, 1978 *apud* DIAS; MARCHI, 2012).

Assim, numa análise sociológica, observa-se a influência das instituições sociais tradicionais, em especial a escola, no processo de sociabilidade juvenil. No entanto, além das formas tradicionais, há também formas contemporâneas de agrupamentos como as tribos urbanas que, segundo Michel Maffesoli (1998), podem ser definidas como fenômeno recorrente nas sociedades contemporâneas, onde os indivíduos se dividem em grupos que partilham ideais em comum. As tribos se constituíram a partir das redes de relações sociais dos sujeitos, das disposições estéticas características de uma cultura juvenil e dos ideais compartilhados que servem também como mecanismo de sustentação do grupo (Maffesoli, 2016).

Assim, estudar os jovens na contemporaneidade pressupõe reconhecer que são categorias históricas e sociais e que estes sujeitos não são entidades genéricas abstratas, mas seres que estabelecem relações sociais, culturais e políticas e, nesse sentido compreender os agrupamentos juvenis, reconhecendo sua importância e finalidade é fundamental para que o estudante perceba a juventude como fenômeno social, e compreenda a influência das instituições nos processos de sociabilidade e socialização.

É estimado que metade dos jovens no mundo participem de alguma tribo, os quais têm em comum a busca pela sua própria identidade. O visual, a música, os jogos, a ideologia e o território se colocam como importantes ingredientes na forma de expressão dos adolescentes, que sempre agem movidos por alguma motivação: viver no passado, revoltar-se contra o sistema, dar mais força à cultura negra, viver em um mundo de fantasia, negar os modelos vigentes de adultos e buscar, entre pares, os que partilham os mesmos sentimentos e ideais.

Assim, de que maneira pode-se aprender a conviver com as diferenças dentro e fora do contexto escolar, respeitando as mais variadas tribos urbanas? Como é possível ser “diferente” e ao mesmo tempo respeitar quem é “diferente”?

MÉTODO

O principal propósito desta prática aqui abordada foi aproximar os alunos participantes da realidade de algumas Tribos Urbanas. Para isso utilizaram-se recursos tecnológicos, conceitos e temáticas abordadas dentro dos componentes curriculares do Ensino Médio de Arte, Geografia e Sociologia, sendo estas ministradas durante as aulas síncronas e assíncronas do ano de 2020. Sua estrutura foi constituída no formato híbrido, com encontros semanais nas aulas e envolviam atividades adaptadas para este formato de ensino.

A turma, composta por trinta e cinco alunos, estava distribuída em seis equipes que, após leitura do livro “Tribos urbanas, você e eu. Conversas com a juventude” de Wilma Regina Alves da Silva (2003), e pesquisas complementares, selecionando informações relevantes dentro da temática, foram desafiados a apresentar um seminário temático no formato de uma rádio.

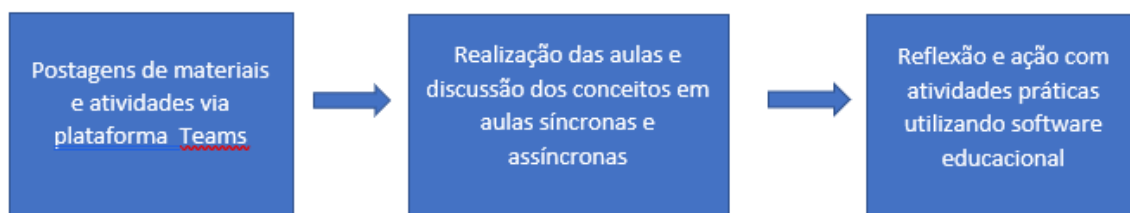


Figura 1. Ações de ensino

Na figura 1, observa-se a organização das ações de ensino que foi realizada por meio de postagens de materiais via plataforma *Teams*, discussões e debates em sala de aula síncrona e assíncrona e, por fim, a reflexão e aplicação da prática de um seminário virtual em que os alunos, divididos em equipes e de forma remota, apresentaram diversas temáticas envolvendo as Tribos Urbanas e aspectos que as compõem.

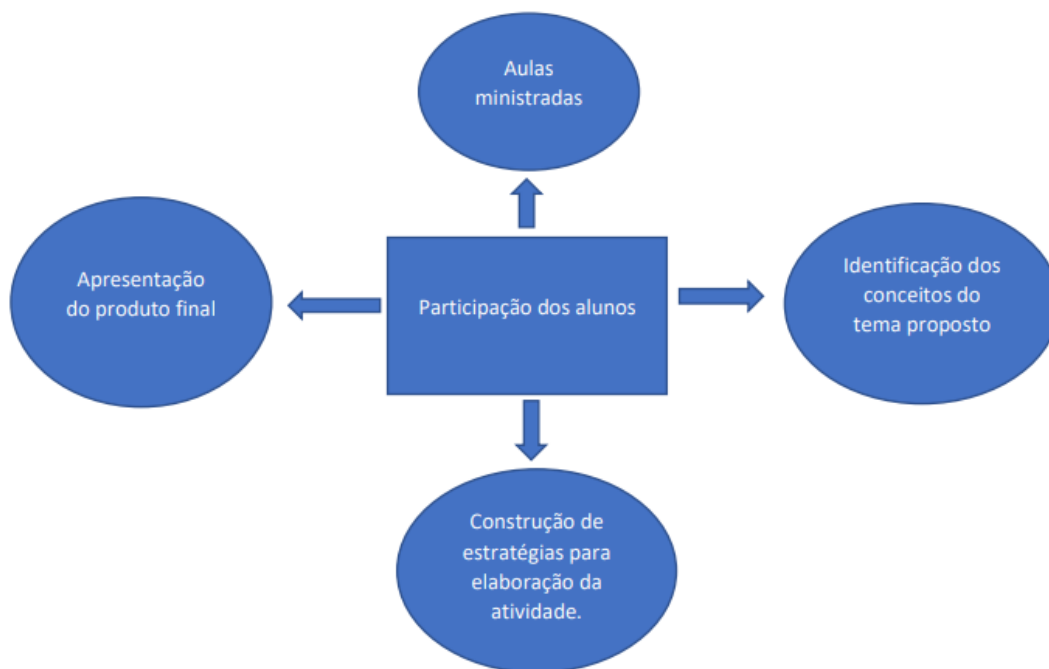


Figura 2. Ações da componente curricular

Ao gerar esse contexto, os alunos primeiramente participaram de aulas dos componentes curriculares em questão, realizaram pesquisas complementares e círculos de debates virtuais, elencando aspectos sobre diversidade, respeito, equidade e representação social/cultural, aspectos estes que são colocados em xeque diante de uma sociedade idealizada, vinculada à modernidade e suas novas estruturas.

Durante o processo, os alunos foram levados a observar, analisar, pesquisar aspectos e comportamentos de algumas Tribos Urbanas e, após este processo, aliados aos debates e percepções exploradas nas aulas (Arte, Geografia e Sociologia), cada equipe, composta por seis integrantes, apresentaram um seminário no formato de uma rádio, em que colocaram à mostra questões culturais, sociais e musicais que envolviam determinada Tribo.

Do ponto de vista pedagógico e, segundo Hoffmann, Rocha e Ota (2021), modelos de aprendizagem com o foco no estudante propiciam uma aprendizagem baseada em competências, em que o conteúdo, construído em trilhas ou etapas, faz com que o estudante seja o foco do processo ensino-aprendizagem e tenha o controle do conhecimento a ser adquirido. Inserindo-se ambientes virtuais, adaptando estas trilhas, conseqüentemente, há uma facilitação do monitoramento de desempenho, aplicação de regras e personalização da aprendizagem dos estudantes.

Os componentes curriculares desenharam conceitos sobre diversidade cultural, estimulando discussões e pesquisas. No momento teórico, foram selecionados: a utilização de

slides em *PowerPoint*, vídeos, documentários e análises de posicionamentos foram selecionados. Já no momento prático, foi solicitado aos aprendentes a produção um seminário virtual no formato de uma rádio, em que os apresentadores discutiam e comentavam aspectos sobre determinada Tribo Urbana e tocavam músicas que tinham relação com aquela tribo, sempre observando questões sociológicas, culturais e geográficas que interferem em sua concepção. Para esta atividade foi utilizada sala virtual, por meio da plataforma *Teams*.

RESULTADOS

Houve um envolvimento expressivo dos alunos com a proposta que visava a busca pelo protagonismo e autonomia digital, por isso os resultados foram expressivos, conforme as imagens selecionadas e reproduzidas abaixo. Desta maneira, estima-se que houve a contextualização dos conceitos básicos apresentados em aulas teóricas e a prática.

Ainda sobre os resultados a serem obtidos, e não deixando em segundo plano as competências e habilidades a serem desenvolvidas, houve o emprego de ações pela busca de competências como a compreensão da arte como um saber cultural e estético, gerador de significação e integração do mundo, além de habilidades para reconhecer diferentes funções da arte, análise de produções artísticas como meio para explicar diferentes culturas, o reconhecimento e a valorização da diversidade artística e suas interrelações com diversos elementos, como também conhecer o passado histórico, articulando com o presente e seus processos (BNCC, 2018).

A seguir temos algumas imagens de apresentações realizadas pelos alunos, envolvendo conceitos e aspectos relevantes de algumas tribos urbanas. A proposta não se restringia somente à apresentação de um trabalho, mas sim, à busca por conceitos e compreensões do universo de determinadas tribos urbanas.

E, falando de percepções, há um pressuposto muito importante a ser considerado e que Silva (2003) discute abertamente em sua obra: vivemos em um mundo de competições, disputas, além de representações distintas e, muitas vezes, perdemos nossa essência, influenciados pela forma de agir, inserção e aceitação social, vestimentas, línguas e gírias, símbolos que definem determinado grupo e valores culturais, somos discriminados criando uma desigualdade social.

Essa situação motivou a construção e elaboração desta oficina de aprendizagem para que tabus sejam quebrados e haja uma desconstrução de conceitos pré-estabelecidos sobre cultura, inserção e afirmação social.



Figura 3. Ideia de Feminilidade

Nessa figura 3, se explorou o conceito de feminilidade, aceitação e manifestações populares que levaram a reflexões além das tribos de “patricinhas e mauricinhos”. A quebra de padrões e o respeito se tornam fundamentais no processo de construção do saber.



Figura 4. Bandas Góticas

Outra proposta de investigação, que gerou uma aproximação artística, cultural e com arquitetura medieval, são os góticos. Silva (2003, p.49) aponta que a filosofia gótica se dá pelo reflexo daquilo que é aparentemente feio. Aplica-se em encontrar luz por traz de aparências sombrias. A equipe se apresentou como uma tribo gótica e ao mesmo tempo em que apresentavam músicas desse estilo, comentavam sua importância e olhar para uma sociedade que está aparentemente morta, sem sentido e perdida em suas ações.



Figura 5. Bandas Hippies e Indies

Outro destaque foi para a tribo Hípie e Indies, onde jovens adeptos a uma moral e costumes não conformistas, baseados na não-violência e aos valores tradicionais disseminaram pelo mundo ideais, interferindo na música, moda, pintura e teatro (Silva, 2003). A exploração dessa tribo pela equipe de alunos ocorreu utilizando a canção “Imagine”, do conjunto Beatles, que buscava a paz, um mundo livre de racismo, preconceito e disparidades.

Assim, após todas as apresentações de seminários “Rádio Tribos”, os objetivos principais propostos no início do projeto, se cumpriu com maestria. A quebra de padrões, rótulos ou pré-conceitos, alavancaram um novo olhar sobre culturas distintas e a forma como estas interferem diretamente no comportamento social do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o desconhecido é sempre um motivo de reflexão, especialmente para jovens e adolescentes que constroem sua personalidade. O olhar sobre o outro, comparando ideais, símbolos e posicionamentos ajuda em nossa própria visão e construção do eu, além do papel que exercemos na sociedade.

Não escolhemos a todo momento com quem queremos estar e, às vezes, a convivência com pares distintos é necessária, e tudo bem! Respeito é a palavra-chave para uma harmonia social. Aprendemos diariamente e esse projeto possui o real intuito de ampliar conhecimentos e concepções, respeitando as distinções e identificando tribos urbanas.

Portanto, a partir das observações pontuais feitas ao longo das atividades, pode-se afirmar que os aprendentes mostraram apropriação dos conceitos teóricos trabalhados. Não importa se os grupos fazem referência à tribos brancas, negras, pardas, góticas, hípies ou roqueiras. A real relevância é o respeito e a não discriminação: alteridade.

O despertar para o protagonismo se faz presente por meio de metodologias ativas e utilização de recursos tecnológicos. É o abrir o coração e a mente para aprender e principalmente sermos felizes diante das convicções que validamos para nossa vida.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, A. M. (1989). Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. *Estudos Avançados*, USP-SP, v. 3, n. 7, p. 170-183. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>. Disponível em: <https://bit.ly/3LaUaaN>. Acesso em: 15 maio 2021.
- BRASIL. (2018). Ministério da Educação. A Base Nacional Comum Curricular. Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-cmoum-curricular-bncc>. Acesso 15 em maio de 2021.
- Dias, D. C.; Marchi, R. De C. (2012). Tribos na sala de aula: um estudo sobre "culturas juvenis" na escola. In: ANPED SUL, IX., 2012, USC - Caxias do Sul. *Anais [...]*. USP-SP: [s. n.], 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3rqAnT>. Acesso em: 15 maio 2021.
- Hoffmann, G.; Rocha, D. G.; Ota, M. A. (orgs). (2021). *Aprendizagem Digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional*. Porto Alegre: Penso.
- Kenski, V. M. (2012). *Educação e Tecnologias: um novo ritmo da informação*. 8 ed. Campinas: Papirus.
- Maffesoli, M. (2016). From Society to Tribal Communities. *The Sociological Review*, 64(4), 739–747. <https://doi.org/10.1111/1467-954X.12434>
- Teixeira, K. S., & Alves, M. P. (2021). Pedagogia do pedal, tribos urbanas e políticaspráticas educativas: primeiras aproximações. *Revista Teias*, 22(66), 353–369. <https://doi.org/10.12957/teias.2021.51377>
- Oliveira, T. A. de. (2017). Educação em Foz do Iguaçu: grande berço da diversidade cultural. *RECIT*, [s. l.], v. 8, p. 15.
- Parsons, M. (1992). *Compreender a arte: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo*. Lisboa: Editoria Presença, 1992.
- Rocha, S. L. A. da. Olhando-me no espelho: imagens da leitura em uma escola pública de ensino médio. **Rede Sirius UERJ**, [s. l.], p. 199, 2011.
- Silva, W. R. A. (2003). *Tribos Urbanas, você e eu: conversas com a juventude*. São Paulo; Paulinas, Coleção Espaço Jovem. Série formação
- Teixeira, K. S.; Alves, M. P. (2021). Pedagogia do pedal, tribos urbanas e políticas práticas educativas: primeiras aproximações. *Revista Teias*, v. 22, n. 66, p. 353–369. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/teias.2021.51377>.

Enviado em: 05 de março de 2022

Revisões em 10 de setembro de 2022

Aprovado em: 26 de janeiro de 2023